

as its results for the Church life. The Jubilee celebrated 7x7 sabbatic years is based on the sabbatic structure of the 7th day (Sabbad, Sabbatic year). The theologic meaning of this structure is the liberation of every kind of slavery. As an ideal in the Old Testament, it became real in the New one, for Jesus said he came do achieve it: "This day in this scripture fulfilled in your ears" (Lc. 4, 21).

TANON, Arnaud Pellissier; MOREIRA, José Manuel - *Will social justice be possible? A Recension of Bertrand de Jouvenel's De la Justice.* p. 249-261

Setting out from the idea of justice as the cornerstone of the social building, one tries to emphasize the origin that goes from philosophers to Hayek, through Jouvenel. It is stated that if a distinction between commutative and distributive justice omits the distributive dimension of commutative justice, one runs the risk of confusion of distributive justice with State redistribution.

It is in this way that one has to understand Hayek's criticism about social justice. A criticism that can be improved with Jouvenel's in *De la Justice*. It is a reason for the issue, the first among us, of this remarkable and already classic text we dare to present.

MENESES, Ramiro Délio Borges de - *From the soul to God by the Truth in Augustine's Soliloquia.* p. 287-303

St Augustine proclaims the truth as the methodologic supporter not only of his philosophy but the route of the soul to God. Augustine's earnest desire is only to know the soul and God through the truth, and this is the protection from Augustine's philosophy, because thinking is only God and the soul.

FIGUEIREDO, Palmira Fernandes - *St Martin of Dume: ethic and anthropologic views.* p. 305-335

The author makes a description of St Martin of Dume's life and studies the ethic and anthropologic meaning of his work. So the moral virtues are studied as they are described in *De Ira, Pro Repellenda jactantia, De Superbia, Exortatio Humilitatis* and *Formula Vitae Honestae*. This is developed in comparison with some classic authors, such as Cicero, St Augustine, Cassian and Seneca.

CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da - *Fr. Gonçalo Dias de Amarante (? - 1618).* p. 337-378

Gonçalo Dias de Amarante, Mercedarian friar, born at Folhada (Marco de Canavezes), now diocese of Oporto is a very odd person of the history of Portuguese and Peruvian church. "Father of the poor" of Callao, in Peru, there he died in 1618 with the fame of saint. His process of beatification fostered by the Spanish king and the bishops of Peru and Spain was put aside by the end of the 17th century. Why?

## Notas e Comentários

### COLÓQUIO RAUL BRANDÃO

No dia 6 de Abril do corrente ano, pelas 18.30 horas, o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, através do Gabinete de Estudos do Pensamento Português promoveu a realização duma sessão pública para apresentação do livro das Actas do Colóquio "Ao encontro de Raul Brandão", realizado em 7, 8 e 9 de Janeiro de 1999. A apresentação esteve a cargo da Sra. Prof. Doutora Maria João Reynaud que havia sido Presidente da Comissão Científica do Colóquio. A sessão foi presidida pelo Vice-Presidente do Centro Regional do Porto da UCP, Sr. Prof. Doutor Arnaldo Cardoso de Pinho e contou com a presença de um grupo significativo de pessoas, muitas das quais haviam participado no Colóquio com comunicação. No sentido de se dar conhecimento da comunicação proferida pela Sra. Doutora Maria João Reynaud na sessão, aqui se transcrevem as suas palavras:

1. *Queria, em primeiro lugar, agradecer ao Sr. Vice-Presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, Exmo. Professor Doutor Arnaldo de Pinho, e ao Director do Gabinete de Estudos do Pensamento Português, Exmo. Professor Doutor Angelo Alves, o honroso convite que quiseram dirigir-me para apresentar as Actas do Colóquio a que chamámos "Ao Encontro de Raul Brandão" (sugerido pelo título de um opúsculo de João Marques, em que o Autor evoca o seu encontro com Maria Angelina Brandão, na Casa Do Alto, em Nespereira (Guimarães), cf. João Marques, Ao Encontro de Raul Brandão, Coimbra, 1952), realizado nesta Universidade há pouco mais de um ano, e que efectivamente se conclui com esta sessão pública de lançamento.*

*Tratou-se, como é do conhecimento da maior parte dos presentes, da primeira reunião científica consagrada à figura e obra de um dos maiores escritores portugueses do século XX, nascido em 1867, nesta mesma Foz do Douro onde passou a infância e a adolescência, evocada cinquenta anos depois no "Prefácio" ao*

1º volume das suas Memórias (1919), em páginas de puro esplendor. Citarei apenas uma passagem bem conhecida, onde o sentido da vida se perfaz à luz de um tempo íntegro, em cuja fundura mergulha a raiz do seu espanto metafísico: “O que sei de belo, de grande ou de útil, aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois não aprendi coisa que valha” (p. 13).

O Centro Regional do Porto da Universidade Católica está, pois, de parabéns, neste momento particularmente feliz em que é lançado o livro onde se reúnem, sob a prestigiosa chancela da Lello Editores, as comunicações apresentadas pelos participantes do Colóquio, apesar de se registar uma ou outra ausência, que é completamente alheia à vontade dos organizadores destas Actas. E com esta publicação, que constitui, a partir de hoje, uma obra de referência obrigatória no domínio ainda tão pobre dos estudos brandonianos, creio que fica saldada uma das mais clamorosas dívidas à memória de um escritor que tem marcado sucessivas gerações literárias. Não quer isto dizer que se tenha feito justiça, porque o reconhecimento da grandeza desta obra está longe de ser consensual.

2. Estou porém convicta de que acaba de ser dado um passo decisivo no sentido do reconhecimento de Raul Brandão como uma das figuras maiores da nossa modernidade literária. Observa Maria Alzira Seixo na sua conferência de abertura – “Raul Brandão e os Sentidos do Modernismo Português” – que, “Se o modernismo é compósito nas suas raízes, não será de estranhar que o seja nas suas manifestações”. Daí que, como sublinha a insigne professora, “nas letras portuguesas Raul Brandão seja a figura que, na prosa de ficção, poderemos empareilhar, sem nenhuma espécie de desnível, com a de Fernando Pessoa na poesia”. À luz desta observação, como não lembrar as palavras de Vergio Ferreira, que considerava Raul Brandão “o escritor mais actual de todo o nosso século”, “o primeiro ficcionista de “ideias”, o criador, entre nós, do que vulgarmente se vai chamar “romance-ensaio”, ou na designação de Vergílio Ferreira, “romance-problema”? Seria longo citar os nomes de escritores - e poetas - marcados pela leitura de Raul Brandão: de Régio a José Gomes Ferreira, de Rodrigues Miguéis a Carlos de Oliveira, de Augusto Abelaira a Vergílio Ferreira, quantos ficarão por mencionar? Pensando na ficção mais recente obrigo-me, porém, a referir os nomes de escritores tão diferentes como Maria Gabriela Llansol, José Saramago, ou Rui Nunes.

3. Como se sabe, este colóquio foi subdividido em quatro áreas temáticas, de forma a permitir que algumas das vertentes mais importantes da produção do Escritor fossem abordadas por especialistas reconhecidos, no contexto mais amplo da literatura, da história, da filosofia e da cultura portuguesas deste século. Os contributos dos professores Maria Alzira Seixo, Jorge Coutinho e Fernando Catroga, revelam-se, deste ponto de vista, especialmente significativos, na medida em que procedem ao enquadramento da obra e do pensamento de Raul Brandão num painel tão amplo e complexo como é o do nosso século XX.

Apesar de o pensamento de Brandão ter sido abordado por uma figura tão destacada como Santana Dionísio, a verdade é que, até hoje, não tinha suscitado

qualquer outra reflexão de fundo que corroborasse ou pusesse em causa a sua perspectiva. A ampla reflexão que este Encontro proporcionou pode ser agora avaliada nos seus resultados, dada a excelência dos textos de vários estudiosos da área da filosofia. Se as suas perspectivas nem sempre confluem, a verdade é que nunca deixam de nos surpreender, fazendo com que Raul Brandão conquiste um lugar definitivo no contexto do Pensamento Português, pelo modo como empreende a mais longa e dilacerada meditação sobre a dor que alguma vez se fez entre nós. Se a sua reflexão não conheceu a forma cristalizada de sistema, o que o exclui, em sentido estrito, do mundo aquietado da filosofia, a verdade é que a força poética do seu pensamento se impõe como um dado irrecusável, isto é: como uma pedra no sapato das consciências bem pensantes de ontem e de hoje. Brandão põe constantemente em cena um pensamento radicalmente questionante, recuperando para a literatura o prestígio tão abalado de uma palavra dialógica de raiz socrática, tão estranha à razão positivista do seu tempo, como à razão desumana da nossa pós-modernidade decadente.

4. Mas a complexidade do pensamento de Brandão e aquilo que faz a actualidade da sua ficção ou da sua visão da história e da sociedade só se torna verdadeiramente perceptível na dinâmica que se gera a partir da contaposição de perspectivas e de interpretações no espaço vivo de diálogo que são estas Actas. Se o encontro com Raul Brandão contava, à partida, com a presença de especialistas, ou de ensaístas que têm focado com particular atenção a sua obra ficcional, a verdade é que foi extraordinariamente enriquecido pela prestação dos participantes no quadro das comunicações livres; sobretudo pela perícia interpretativa exercida no âmbito de uma competência quer literária, quer filosófica, enriquecida por novas posturas metodológicas, que nos deixam entrever a certeza de que o Autor de Húmus (o livro mais citado neste notável elenco de comunicações) vai ao encontro de uma legítima universalidade.

Raul Brandão, figura de uma integridade ímpar, tão insensível às modas literárias como às estratégias e torpezas de um meio literário degra dado, viveu a sua vida de escritor polarizado entre a questão social e a questão religiosa. Setenta anos depois da sua morte, são essas essas mesmas questões que se nos colocam às portas de um novo século e de um novo milénio. Ontem como hoje é preciso encontrar um motivo de esperança e um razão para continuarmos a acreditar na humanidade. Tomemos Raul Brandão por guia:

“Espero na lei divina e, se não puder ser, na lei humana.

(...) Espero pelo dia - mesmo na cova o espero - em que acabe a exploração do homem pelo homem.”

“Balanço à Vida”, Vale de Josafat, p. 32

MARIA JOÃO REYNAUD

(Presidente da Comissão Científica do Colóquio)